

A contação de histórias como metodologia ativa: caminhos criativos e humanizados para a formação integral

Story-telling as active methodology: creative and humanized ways for an integral formation

La narración como metodología activa: caminos creativos y humanizados para la formación integral

Recebido: 27/04/2022 | Revisado: 05/05/2022 | Aceito: 13/05/2022 | Publicado: 18/05/2022

Antônio Carlos Santos de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2219-7441>

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

E-mail: antonio.lima@ifal.edu.br

Gicele Rose dos Santos Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5320-9129>

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

E-mail: gicelerose@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o lugar da contação de história no processo de formação integral. Concebida como metodologia ativa, essa prática, ao permitir os alunos a vivenciarem experiências que despertam as diversas dimensões humanas, contribuem para a construção do conhecimento num processo de aprendizagem significativa. Para essa reflexão, utilizamos a pesquisa exploratória, a qual compreende a primeira etapa de uma investigação mais ampla (Gil, 2008) e se centra na leitura de textos teóricos acerca do tema. A investigação mais ampla, nesse contexto, é uma pesquisa realizada em nível de mestrado profissional, cujo produto é um “Caderno de Oficinas” o qual sugere atividades com contação de histórias destinadas a alunos de Ensino Médio. Após a etapa de leituras do referencial teórico, correspondente à pesquisa exploratória, concluímos que a contação de histórias como metodologia ativa contribui para a formação integral dos alunos pelo seu caráter humanizado, proporcionando dinamicidade e criatividade no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino; Contação de histórias; Metodologias ativas; Formação integral.

Abstract

This article aims to reflect on the place of storytelling in the integral formation process. Conceived as an active methodology, this practice, by allowing students to experience experiences that awaken the various human dimensions, contributes to the construction of knowledge in a meaningful learning process. For this reflection, we used exploratory research, which comprises the first stage of a broader investigation (Gil, 2008) and focuses on the reading of theoretical texts on the subject. The broader investigation, in this context, is a research carried out at the professional master's level, whose product is a "Workshop Notebook" which suggests activities with storytelling aimed at high school students. After reading the theoretical framework, corresponding to the exploratory research, we concluded that storytelling as an active methodology contributes to the integral formation of students due to its humanized character, providing dynamism and creativity in the teaching and learning process.

Keywords: Teaching; Storytelling; Active methodology; Integral formation.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el lugar de la narración en el proceso de formación integral. Concebida como una metodología activa, esta práctica, al permitir que los estudiantes vivan experiencias que despierten las diversas dimensiones humanas, contribuye a la construcción del conocimiento en un proceso de aprendizaje significativo. Para esta reflexión, utilizamos la investigación exploratoria, que comprende la primera etapa de una investigación más amplia (Gil, 2008) y se centra en la lectura de textos teóricos sobre el tema. La investigación más amplia, en este contexto, es una investigación realizada a nivel de maestría profesional, cuyo producto es un “Cuaderno de Taller” que sugiere actividades con narraciones dirigidas a estudiantes de secundaria. Luego de la lectura del marco teórico, correspondiente a la investigación exploratoria, concluimos que la narración de cuentos como metodología activa contribuye a la formación integral de los estudiantes por su carácter humanizado, brindando dinamismo y creatividad en el proceso de enseñanza y aprendizaje.

Palabras clave: Enseñanza; Narración; Metodología activa; Formación integral.

1. Introdução

Em seu percurso histórico, a escola pública brasileira, que deve ser um espaço de transformação, ainda não conseguiu superar o lugar de reprodutora de conhecimentos os quais, muitas vezes, contribuem para a “manutenção das estruturas de poder e privilégios” (Frigotto et al., 2012, p. 8).

Enquanto deixa de cumprir a função social de promover conhecimentos para que os sujeitos vivam em iguais condições, a escola favorece os interesses da classe dominante. Em meio a esse conflito de interesses, o professor desempenha um importante papel, o de transformar a sala de aula em um espaço de diálogo e reflexões, intermediando a aprendizagem e possibilitando descobertas ao invés de reproduções, uma vez que, na sala de aula, ele está imerso em um contexto de interação com sujeitos sociais dotados de autonomia, criatividade e poder de transformar a realidade.

Em consonância com essa perspectiva, o professor é capaz de promover essa transformação, ao mesmo tempo em que se transforma, ressignificando o seu fazer pedagógico e possibilitando aos seus alunos enxergarem sentidos no processo de ensino e aprendizagem, a fim de que possam agir num mundo complexo e competitivo, o que se constitui como um dos objetivos da formação integral, que busca “garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política” (Ciavatta, 2012, p. 85).

Nesse sentido, para o atendimento a essa demanda, o planejamento constitui-se como elemento de grande relevância. Não apenas no plano burocrático, mas no fazer pedagógico o qual deve ser desenvolvido a partir da perspectiva de uma intermediação sensível (Lima, 2019), ou seja, uma prática pedagógica na qual o professor deve considerar os diversos fatores que permeiam o contexto onde ocorre processo de ensino e aprendizagem e assuma uma postura de atenção a esses fatores, fazendo escolhas metodológicas que atendam às demandas nele emergentes. Isso porque “os avanços tecnológicos e a globalização dos mercados de trabalho, entre outros fatores, exigem não somente a redefinição dos perfis profissionais, mas também da forma como esses sujeitos irão implementar seus projetos de formação e a redefinição das estratégias que serão utilizadas para a construção desses saberes” (Assumpção & Soares, 2017, p. 32).

A intermediação sensível (Lima, 2019), baseada em princípios éticos e de equidade, permite ao professor, em sala de aula, contemplar em seu planejamento ações que promovam a aproximação entre os conteúdos a serem abordados e o cotidiano dos alunos, suas vivências e realidades, o que lhes possibilitaria agir como protagonista no mundo em que vive.

Dada a importância da inter-relação entre os conteúdos escolares e o contexto sociocultural e histórico dos alunos, necessária à sua formação integral, compreendemos que as metodologias ativas assumem lugar de relevância por possibilitarem o protagonismo dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, a alunos que não sejam “meros reprodutores daquilo que já foi produzido (Araújo, 2011, p. 41). Nesse mesmo direcionamento, as metodologias ativas também demandam um professor mediador desse processo valendo-se de métodos que assegurem o papel ativo dos alunos.

No que se refere ao uso de metodologias ativas, Barbosa e Moura (2013), ao se referirem ao que Silberman (1996) afirma sobre os princípios das metodologias ativas, destacam que, “se nossa prática de ensino favorecer no aluno as atividades de ouvir, ver, perguntar, discutir, fazer e ensinar, estamos no caminho da aprendizagem ativa” (Barbosa; Moura, 2013, p. 55). Nesse contexto, a contação de histórias que, a partir do ouvir, proporciona ao sujeito refletir e ressignificar conceitos, valores e crenças, configura-se como metodologia ativa à medida que estimula os alunos a dizerem sobre si e sobre seus contextos nesse processo.

A partir dessas considerações, propomos, com este artigo, refletir sobre o papel da contação de histórias, como metodologia ativa, no processo de formação integral. Para tal, este situado caracteriza-se como exploratório, pois “constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla” (Gil, 2008, p. 27).

2. Metodologia

Este estudo integra uma pesquisa mais ampla, realizada no Mestrado Profissional em Educação profissional e Tecnológica (ProfEPT), no âmbito do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), cujo Produto Educacional (PE) constitui-se de um “Caderno de Oficinas” o qual possibilitará professores atuantes em turmas de Ensino Médio desenvolvam metodologias ativas, a exemplo da contação de histórias, como vistas a contribuir para a formação integral de jovens para que eles assumam seus papéis sociais no mundo de forma a “dar conta das demandas e necessidades de uma sociedade democrática, inclusiva, permeada pelas diferenças e pautada no conhecimento inter, multi e transdisciplinar, com a que vivemos neste início de século 21” (Araújo, 2011, p. 39).

A pesquisa exploratória utilizada neste estudo justifica-se pelo fato de ela ser “desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (Gil, 2008, p. 27). De acordo com Oliveira (2020), integram a pesquisa exploratória levantamento bibliográfico, análise de documento e observações. Neste estudo, dada a natureza da pesquisa exploratória de ser a fase inicial de uma investigação mais ampla, a reflexão aqui aprestada será pauta no levantamento bibliográfico, a partir da noção de metodologia ativa, formação integral, prática pedagógica e contação de histórias.

3. Práticas Pedagógicas em Mutação: as Metodologias Ativas

As práticas educativas têm se mostrado a cada dia carentes de mudanças que respeitem a diversidade, os avanços tecnológicos e as limitações impostas pelos diferentes contextos sociais vigentes, uma vez que, em muitas instituições ainda se verificam indícios de práticas pedagógicas dissonantes, as quais acarretam nos alunos uma postura passiva, pois os conteúdos ainda são bordados de forma descontextualizada do seu universo social. A esse respeito, Zozzoli (2016), ao se referir ao distanciamento do contexto histórico, cultural e social dos conteúdos utilizados em sala de aula, afirma que “as consequências são visíveis: as vivências e os conhecimentos proporcionados pela instituição escolar ao aluno são percebidos como artificiais, sem interesse para a vida prática fora do quadro institucional. Isso se reflete de diversas formas nas respostas (verbais e não verbais) do aluno na sala de aula e na escola de modo mais amplo” (Zozzoli, 2016, p. 136).

Para Mendonça (2011, p. 350),

a ausência de mediações tem feito da escola espaço para crise de sentidos e significados, onde o estranhamento domina os sujeitos históricos, tornando-os seres distantes, com relações que não favorecem a motivação para o trabalho, para a atividade na escola. Vale lembrar que as relações vão se construindo no cotidiano escolar, confrontando-se significados sociais com experiências concretas de estudantes e professores, possuidores de necessidades próprias presentes nessas relações.

Em consonância com o pensamento de Zozzoli (2016) e Mendonça (2011), entendemos que diversos estudos e correntes teóricas acerca do processo de ensino aprendizagem indicam que não há um modelo totalmente eficaz nesse processo; e a prática docente também revela que, mesmo que houvesse, não se adequaria a todos os contextos de ensino e aprendizagem, uma vez que, em cada contexto, os sujeitos dele integrantes carregam suas histórias de vida, culturas, identidades e, porque não dizer, limitações. No entanto, seja qual for a teoria e/ou método escolhido, não há como percorrer um caminho de ensino e aprendizagem sem dar voz para que os alunos, sujeitos em constante formação, expressem seus desejos, dúvidas, conhecimentos de mundo.

Isso demanda a busca por um procedimento metodológico mais adequado, a fim de desenvolvê-lo de forma mais humanizada e criativa. A esse respeito, Zabala (1998) aponta as relações entre professores-alunos-conteúdos de aprendizagem como “a chave de todo ensino”, considerando que as atividades dispostas nas diversas atividades servem como eixo para

impulsionar a teia de comunicações que podem se desenvolver em sala de aula e mostrar através dessas relações a função de cada um, professores e alunos no processo educativo. Por ser permeada por abordagens metodológicas que permitem atividades diversas, caracterizada pela autonomia e pela criatividade na construção do conhecimento (Nascimento & Oliveira, 2022), as metodologias ativas se prestam a esse fim.

Nesse sentido, as metodologias ativas se apresentam como promissora, por ser baseada no diálogo, troca de experiências e colaboração mútua, promovendo um vínculo dotado de afetividade e comprometimento que resultará em uma troca efetiva de conhecimentos, escopo de todo processo de ensino e aprendizagem. Como metodologia ativa, Barbosa e Moura (2013, p. 55) afirmam que é aquela que proporciona ao aluno uma efetiva interação com o conteúdo a ser assimilado, “ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor”.

De acordo com Berbel (2011), as metodologias ativas possuem a capacidade de desenvolver a curiosidade do aluno e permitir que ele leve para a aula contribuições que, talvez, não tenham sido levadas em consideração pelo professor. Ao encontro dessa perspectiva, Macedo *et al* (2018, p. 2) assevera que a metodologia ativa “tem uma concepção de educação crítico-reflexiva com base em estímulo no processo ensino-aprendizagem, resultando em envolvimento por parte do educando na busca pelo conhecimento”.

Compreendemos, dessa forma, que, conhecer os alunos, seu contexto social e as relações que estabelecem entre si, na sala de aula, oferece subsídios para o desenvolvimento de atividades que os envolvam em suas aprendizagens, como pode ocorrer com a contação de histórias. Essa atividade apresenta-se como motivadora, pelo fato de estimular a criatividade e curiosidade dos estudantes impulsionadas pela satisfação das possíveis descobertas que ela pode proporcionar. Da mesma forma, compreendemos que a contação história se configura como metodologia ativa, pois tal metodologia baseia-se “em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando as experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos” (Berbel, 2011, p. 29).

4. A Contação de Histórias como Metodologia Ativa: uma Proposta para a Formação Integral

A concepção de formação integral tem sido atrelada a um ideário de formação proposto na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), cujo objetivo é garantir “uma aprendizagem significativa, contextualizada, orientada para o uso das TIC, que favoreça o uso intensivo dos recursos da inteligência, e que gere habilidades em resolver problemas e conduzir projetos nos diversos segmentos do setor produtivo” (Barbosa & Moura, 2013, p. 52). Tal concepção fundamenta-se no propósito de assegurar aos filhos da classe trabalhadora um ensino médio “concebido como educação básica e articulado ao mundo do trabalho, da cultura e da ciência, [...] vinculado a todas as dimensões da vida” (Frigotto, 2012, p. 76).

É inegável que, de acordo com Frigotto (2012), há um quantitativo de jovens de classes menos favorecidas que necessitam ser inseridos no mundo do trabalho sem que tenha concluído a última etapa da educação básica, o Ensino Médio. Entretanto, esse contingente não deve estar fadado a receber uma formação que lhe permita apenas executar atividades laborais sem, conforme afirma Ramos (2012, p. 108), “apreender o sentido dos conteúdos de ensino”, ou seja, “reconhecê-los como conhecimentos construídos historicamente e que se constituem, para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais podem construir novos conhecimentos no processo de investigação e compreensão do real” (Ramos, 2012, p. 108).

Ao refletir sobre o direito dos filhos da classe trabalhadora a uma formação integral, Frigotto (2012, p. 77) afirma a efetivação de uma formação integral constitui-se como um desafio, o de “desconstruir, [...], do imaginário das classes populares, o entulho ideológico imposto pelas classes dominantes da teoria do capital, da pedagogia das competências, da

empregabilidade, do empreendedorismo e da ideia de que cursinhos curtos profissionalizantes, sem uma educação básica de qualidade, os introduzem rápido ao emprego”.

Nessa mesma direção, faz-se necessário entendermos que é papel da escola ofertar uma formação que vise a contribuir para que tal desconstrução de fato ocorra e, assim, para que as desigualdades sociais possam ser minimizadas. Nesse contexto, currículo e prática pedagógica assumem lugar de destaque, sobretudo quando

a ideia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social (Ciavatta, 2012, p. 85).

Ao utilizarmos como referência esse ideal de formação integral, o qual pode contribuir para o desenvolvimento do sujeito em todas as suas dimensões, asseveramos que as metodologias ativas se prestam a esse fim, pois o ambiente de ensino e aprendizagem ativa, “o professor atua como *orientador, supervisor, facilitador* do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento” (Barbosa & Moura, 2013, p. 55), adotando “práticas que incitam a curiosidade, propõem desafios e engajam os estudantes em vivências de fazer algo e pensar sobre o que fazer, propiciando-lhes trabalhar em colaboração e desenvolver a autonomia nas tomadas de decisão” (Bacich & Moran, 2018, p. 17).

Assim, nesse lugar ocupado pelo professor no contexto das metodologias ativas, a contação de histórias assume um lugar de destaque, uma vez que ela favorece o diálogo, estimula a interação, o respeito à diversidade e a afetividade nas relações entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-conteúdo, possibilitando o exercício da argumentação, da autonomia, da sensibilidade e da criatividade, aspectos que permeiam a formação integral.

Esse destaque ocorre por seu viés eminentemente comunicativo, por se tratar de uma atividade dialógica a qual oportuniza o compartilhamento de experiências e o acesso ao texto e à leitura, “resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças” (Mateus *et al*, 2014, p. 57). Ao referir-se ao caráter interativo da contação de histórias, a qual provém dos contos de tradição oral, Benjamin (2006) afirma que ela representa um compartilhamento de experiência em um processo de transmissão coletiva. Ao encontro dessa afirmação, Busatto (2005, p. 13) assevera que tal prática “permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca”.

Assim, compreendemos que essa prática condiz com o conceito de metodologias ativas, uma vez que nela se destaca o protagonismo do aluno, o qual pode aprender sozinho ou em grupo, numa combinação entre “colaboração (aprender juntos) e personalização (incentivar e gerenciar os percursos individuais)” (Moran, 2014, p. 13). Nas diversas atividades relacionadas à contação de histórias o aluno pode aprofundar-se em leituras; produzir textos autorais; compreender a linguagem em contextos reais de uso; levantar questionamentos; ter acesso a conteúdos de sua cultura; fazer uso da linguagem própria de sua comunidade; debater, argumentar; compreender o uso das variedades linguísticas, compreendendo o contar como “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística” (Bakhtin, 2008, p. 207).

Entendemos, dessa forma, que a escolha por utilizar as metodologias ativas confere ao professor o lugar daquele que reflete sobre sua prática, uma vez que a “reflexão pede uma mudança de postura, em que gradativamente o educador se posiciona como um mediador, um parceiro na construção de conhecimentos que não está no centro do processo. Quem está no centro, nessa concepção, são o aluno e as relações que ele estabelece com o educador, com os pares e, principalmente, com o objeto do conhecimento” (Bacich & Moran, 2018, p. 24).

Nesse contexto de metodologias ativas, o professor assume o papel de mediador, contribuindo com seu conhecimento e com sua experiência, nessa troca de saberes na qual se ensina e se aprende, em um processo de construção do conhecimento, ou seja, de aprendizagem significativa, tendo o aluno a possibilidade de construir, de forma autônoma, sua rota de descobertas. Por sua vez, “a contação de histórias é instrumento que serve como ponte para transitar nas dimensões afetivas, cognitivas e

sociais do ser humano e ampliar os significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias e cidadãs” (Peres et al., 2018, p. 2). Além disso, consideramos, concordando com Melo *et al* (2020, p. 5), a “importância da contação de histórias para o processo de desenvolvimento, formação e repertório cultural de todo ser humano, ao contribuir para a construção de si, para a elaboração de modos de intervir e interagir no mundo, bem como para o desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura” a qual é essencial para a formação do sujeito.

Portanto, é importante considerarmos que a contação de histórias como metodologia ativa na formação integral dos alunos, sobretudo quando eles integram um contingente que necessita inserir-se no mundo do trabalho sem que tenha finalizado a etapa da educação básica, o que não prescinde de uma formação que contemple as diversas dimensões de sua constituição como sujeito histórico, social e cultural.

5. Considerações Finais

A contação de histórias como metodologia ativa nos parece algo novo. Entretanto, esse novo emerge daquilo que é considerado obsoleto, apesar de verdadeiros tesouros culturais, promotores de diálogo e reflexões, a exemplo dessa prática, serem “soterrados” por aquelas tecnicistas, que tiram do aluno a liberdade de pensar, agir e comunicar-se de forma autônoma na escola e na sociedade.

Essa forma de agir no mundo, que suscita uma formação integral, advém da complexidade dos diversos setores da vida no âmbito mundial e local, o que requer o desenvolvimento de capacidades de pensar, sentir e agir de forma cada vez mais ampla, uma atitude que o sujeito deve ter no contexto em que vive (Berbel, 2011) em condições de dialogar com questões universais.

Assim, com uma visão mais democrática e menos centralizadora, o professor pode encontrar liberdade para atuar de forma criativa e dinâmica podendo, através do uso das metodologias ativas e, por conseguinte, da contação de histórias, assumir o papel de mediador no processo de ensino e aprendizagem com vistas à formação integral. Nesse sentido, possibilitaria os alunos a enxergarem o valor de sua cultura, identidade, conhecimento de mundo e criatividade, estimulando-os assim a compreenderem e participarem ativamente de sua formação intelectual e/ou profissional, bem como das lutarem por transformações necessárias à sociedade.

Esperamos, portanto, que esta reflexão possa contribuir para estudos posteriores sobretudo no que se refere à avaliação de experiências com a contação de histórias a fim que de docentes das mais diversas áreas possam vislumbrar em tal prática a possibilidade de promoção da formação integral, tão necessária no atual modelo de sociedade, cujo mundo do trabalho suscita sujeito com aptidões diversas, para além da capacidade técnica.

Referências

- Araújo, U. F. (2011). A quarta revolução educacional: a mudança de tempos, espaços e relações na escola a partir do uso de tecnologias e da inclusão social. *ETD: Educação Temática Digital*, 12, 31- 48.
- Assumpção, A. L. & M.; Soares, A. S. (2017). Metodologias ativas – pontos e contrapontos de uma proposta metodológica. *Revista Eixo*, 6(1), 32-36.
- Bacich, L. & Moran, J. (2018). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Penso Editora.
- Bakhtin, M. (2008). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Forense Universitária.
- Barbosa, E. F. & Moura, D. G. (2013). Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, 39(2), 48-67.
- Benjamin, W. (2006). *Lembrar, escrever e esquecer*. Editora 34.
- Berbel, N. (2011) As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 32(1), 25-40.
- Busatto, C. (2005). *Narrando histórias no século XXI - tradição e ciberespaço*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina

- Ciavatta, M. (2012). A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: Frigotto, G., Ciavatta, M., & Ramos, M. (orgs.). *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*. Cortez, 83-106.
- Frigotto, G. (2012). Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In: Frigotto, G., Ciavatta, M., & Ramos, M. (orgs.). *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*. Cortez, 57-82.
- Frigotto, G., Ciavatta, M., & Ramos, M. (2012). *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*. Cortez.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Lima, A. C. S. (2019). *Da necessidade de uma intermediação sensível: reflexões sobre o letramento acadêmico em um contexto de Educação a distância*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas.
- Macedo, K. D. S. et al. (2018). Metodologias ativas no ensino em saúde. *Revista Escola Anna Nery* 22(3), 1-19.
- Mateus, A. et al. (2014). A importância da contação de história como prática educativa na Educação Infantil. *Revista Pedagogia em Ação*. 5(1), 54-69.
- Melo, A. S. et al (2020). A contação de história e seus contributos para a interação e desenvolvimento linguístico da criança. *Revista olhares*, 8(3), 01-18.
- Mendonça, S. G. de L. (2011). A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. *Caderno CEDES*, 31(85) 341-357.
- Moran, J. (2015). Mudando a educação com metodologias ativas. In: Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Souza, C. A; Morales, O. T. M. (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG.
- Nascimento, N. C. N. & Oliveira-Melo, F. G. de. (2022). Língua inglesa e metodologias ativas: desafios, experiências e perspectivas docentes. *Research, Society and Development*, 11(6), 1-16.
- Oliveira, M. M. (2020). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Editora Vozes.
- Peres, S. G; Naves, R. M. & Borges, F. T. (2018). Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(1), 151-161.
- Ramos, M. (2012). Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: Frigotto, G., Ciavatta, M., & Ramos, M. (orgs.). *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*. Cortez, 107-128.
- Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Artmed.
- Zozzoli, R. M. D. (2016). Levando o diálogo social para a sala de aula: o enunciado-acontecimento-tema no ensino de Língua Portuguesa. In: Figueiredo, F. J. Q. & Simões, D. (orgs.). *Linguística Aplicada, prática de ensino e aprendizagem de línguas*. Pontes Editores.